

O Dia em que a História Mudou

The Day when History Changed

Maria Lucia Victor Barbosa*

* Socióloga, escritora, professora da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

Resumo

Este ensaio aborda os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 sobre os ângulos do antiamericanismo e da religião como sublimação dos "ressentidos". Também o medievalismo impresso nas restrições à vida moderna, impostos pelo Taleban no Afeganistão, aparece nesta análise, ressaltando-se, inclusive, a situação da mulher naquele país. Ao final, são feitas algumas considerações sobre cenários futuros possíveis. Termina-se, apesar de tudo, com uma mensagem de esperança.

Palavras-chave: história; valores; antiamericanismo; religião; ressentimento.

Abstract

This essay deals with the 09/11/01 events focusing antiamericanism and religion as the resentful people's sublimation. The medievalism impressed on the restrictions on the modern life, imposed by the Taleban in Afghanistan, is also part of this analysis, by showing, inclusively, women's situation in that country. Finally, some considerations are made about possible future scenarios. It ends, however, with a message of hope.

Key words: history; values; antiamericanism; religion; resentment.

"Daí a mim vossos filhos cansados, os vossos pobres, as vossas multidões atônitas e sequiosas pelos ares da liberdade, a escória desgraçada que inunda vossas praias. Envia a mim os sem teto, os escorraçados pela tempestade, e vede que ergo minha lâmpada ao lado da porta dourada".

Inscrição ao pé da Estátua da Liberdade.

A Estátua da Liberdade

Para facilitar a compreensão do processo histórico, historiadores se utilizam de alguns marcos ou acontecimentos considerados de importância fundamental, a partir dos quais as relações mundiais em nível cultural, econômico e político foram alteradas substancialmente, de forma a produzir mudanças significativas para a humanidade no seu conjunto.

Se os marcos podem variar, vamos nos ater aos mais tradicionais, tendo em vista tão-somente a busca de compreensão didática de um esquema das transformações planetárias. Tomemos, então, a divisão que considera como Idade Antiga o período que foi de 300 a.C. até 476 d.C., ano que assinala o fim do Império Romano. Em 476, inicia-se a Idade Média, que irá até 1453, data da tomada de Constantinopla pelos turcos. De 1453 até a Revolução Francesa, em 1789, teríamos a Idade Moderna. Em 1789, o mundo ingressa na Idade Contemporânea.

Sem medo de errar acrescento que, em 11 de setembro de 2001, quando foi perpetrado ao brutal atentado às torres do World Trade Center, em Nova

York, e ao Pentágono, em Washington, entramos numa nova idade mundial que ainda não tem nome, da qual vislumbramos muito pouco em termos de futuro, mas que chegou com toda sua carga de transformações profundas, de alterações substanciais que irão marcar a vida de cada ser humano em toda a face da terra.

Note-se que se os marcos históricos tradicionais aqui apresentados, são caracterizados por conflitos de grande envergadura, naquele 11 de setembro o mundo assistiu horrorizado ao hiperterror, a algo nunca antes havido e de onde deriva uma guerra globalizada contra um inimigo traiçoeiro e sem face, que ataca quando menos se espera a partir de táticas pouco usuais. Uma guerra que, como, todas não se sabe como há de acabar.

Portanto, não há motivo, como pensam os cultores do antiamericanismo, para regozijo com relação aos ataques aos símbolos do poder financeiro e estratégico militar dos Estados Unidos, onde foram vitimados milhares de civis norte-americanos, além de pessoas de várias nacionalidades.

Muitas críticas feitas na imprensa brasileira aos Estados Unidos, que de vítima passou a agressor na

ótica dos seus detratores, soam na forma de uma ideologia que consagra o cultivo da mentalidade do atraso. Vão também tais críticas na contramão dos acontecimentos, na medida em que governos do mundo inteiro, incluindo os da Rússia, da China, de Cuba e o próprio Yasser Arafat, da Autoridade Palestina, demonstraram sua consternação e sua solidariedade diante do atentado monstruoso que, na verdade, enlutou a humanidade e principiou um período difícil que, inclusive, repercutirá na frágil economia brasileira que já vinha sendo abalada pela crise da Argentina e as perspectivas pouco alvissareiras da sucessão presidencial em 2002.

A toada xenófoba do antiamericanismo; os apelos à paz que em última instância soam como pedidos de rendição ao terror por parte dos Estados Unidos; a repetição de que se condena o terrorismo mas ao mesmo tempo se culpa a nação norte-americana pelo acontecido, têm causas variadas tais como:

- a incapacidade de uma avaliação mais complexa da situação;
- a intoxicação mental advinda de um latente sentimento de inveja relativo ao sucesso dos Estados Unidos;
- a ideologia das “viúvas do Muro de Berlim” subitamente reanimadas com o atentado de 11/09;
- a visão de mundo brasileira, que traduz a maneira de ser de um povo onde prevalece a excessiva condescendência com a impunidade e a elasticidade de valores e costumes, o que faz funcionar com sinais trocados as avaliações em torno de questões legais e éticas.

Aliás, por conta dessa última causa é que acabamos nos tornando alvos sempre à disposição de seqüestradores, de traficantes, de criminosos de toda espécie, cujos direitos no Brasil costumam ser defendidos numa espécie de exaltação ao anti-herói. Assim, não é de se admirar que Osama bin Laden, que em discurso televisivo retransmitido ao mundo assumiu praticamente o hediondo ataque aos Estados Unidos e declarou guerra santa aos “infiéis”, seja considerado não como criminoso mas como herói por parte de muitos brasileiros, sobretudo daqueles que gostam de se intitular de esquerda.

De todo modo, se os símbolos do poder norte-americano foram atingidos, a Estátua da Liberdade permaneceu de pé. Isso pode simbolizar um bom indício. Pode significar, também, que a partir de agora a guerra se dará entre os que defendem a liberdade, a democracia e a prosperidade, e os que se posicionam ao lado do terrorismo, do narcotráfico, dos Bin Laden, dos Saddam Hussein, das Farcs, da violência, do fanatismo, do desrespeito à vida como forma de dominação.

Desse modo, será necessário que o governo brasileiro, cheio de bom-mocismo, sempre em cima do muro com relação à nossa política externa, tome consciência disso e se posicione com firmeza diante dos acontecimentos.

Religião, política e ressentimento

Os que estudam com atenção o desenrolar da história, sabem que religião e política nunca se

dissociaram. Vários estudos da antropologia política demonstram que, entre os povos chamados primitivos, poder e sacralidade sempre estiveram juntos. Mesmo porque os líderes dessas sociedades eram dotados tanto de poder político quanto de uma força emanada de alguma ordem cósmica.

Na Antiguidade, o poder real e o divino se confundia. Assim, no Egito dos faraós, estes eram considerados como deuses vivos. Na Grécia dos deuses e heróis, segundo John Bowker, a religião era penetrante, fazendo parte de praticamente toda a atividade da pólis, ou cidade-estado. Desse modo, não havia distinção entre o religioso e o secular.

No Império romano, ainda conforme Bowker, a religião era intimamente associada à vida pública. Os deuses não estavam distantes, mas sim profundamente envolvidos nos negócios romanos e nas mudanças de fortuna de modo que religião e política se sobrepujam.

Esses são alguns exemplos do que ocorria naquelas épocas já encobertas pela poeira dos séculos.

Na Idade Média o poder dos reis absolutistas foi considerado como de origem divina, o que não fazia de todos os monarcas autoridades carismáticas. Já em se tratando de catolicismo e América Latina, recordemos Carlos Rangel: “A Igreja Católica é mais responsável do que qualquer outro fator pelo que é e pelo que não é a América Latina”. E Lawrence E. Harrison afirma que: “A visão de mundo que uma sociedade tem se expressa, ao menos em parte, através das religiões”.

Muitos autores têm se debruçado sobre o estudo da correlação dos poderes espiritual e temporal, porém, com relação ao tema que nesse ensaio se aborda, queremos ressaltar especificamente as palavras do historiador e jornalista inglês Paul Johnson, na entrevista concedida à revista *Veja* de 20/09/2001.

Johnson, autor de várias obras sobre religião, ao ser perguntado se as explicações sobre o antiamericanismo dos mulçumanos, expresso nos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, decorriam de um ódio religioso à modernidade simbolizada pelos Estados Unidos, ou se eram resultado de ações concretas dos americanos no Oriente Médio, foi taxativo: “Não é a segunda, definitivamente. As fontes do antiamericanismo exibido estão sem dúvida ligadas à natureza da religião islâmica”.

Se muitos analistas ressaltam que atitudes violentas e fanáticas pertencem a grupos fundamentalistas, e não a toda a religião islâmica, o historiador inglês ressalta que o islamismo como um todo estaria “ainda mergulhado na Idade Média”.

De qualquer forma, observando-se especialmente os comportamentos do Taleban, cujo líder é Osama bin Laden, pode-se dizer que neste grupo fundamentalista existe uma explosiva mistura de religião, política e ressentimento.

Na sua interessante teoria do ressentimento, Friedrich Nietzsche considera o que chamou de “revolta dos escravos morais, no fundo da qual estaria estariam sentimentos recalcados de vingança dos “desprivilegiados” em dotes naturais ou oportunidades e vida. E

se bem que Max Weber alerta para o fato de que é necessária uma grande cautela ao estimar-se a influência do ressentimento numa “ética religiosa”, sou tentada a afirmar que o ataque aos símbolos americanos teve a marca do fanatismo do tipo religioso psicótico que repousa, pelo menos em grande parte, no ressentimento ou na pura e simples inveja da prosperidade norte-americana.

Evidentemente, o fanatismo e a intolerância não são apanágios de grupos do islamismo. A religião católica, por exemplo, já deixou vigorosas marcas dessas características ao longo da história. Isso foi visível através de inumeráveis “guerras santas” como as havidas nas Cruzadas, no extermínio dos hereges, no longo e tenebroso período da Nova Inquisição Espanhola. Só mais recentemente a solidariedade eclesiástica ao ressentimento dos “escravos morais” se manifestou, considerando-se que a Igreja foi durante séculos expressão de poderio político e econômico junto ou acima dos poderosos, e não propriamente a porta-voz dos “desprivilegiados”.

Na atualidade, onde o poder espiritual e espiritual da Igreja já não é o mesmo, presencia-se alguns dos seus setores se posicionando estrategicamente ao lado dos “ressentidos”. Esses setores são representados pela Teologia da Libertação, de inspiração marxista; parte do episcopado que toma assento na CNBB; membros das numerosas pastorais; enfim, considerável porção do clero.

Desse modo, a Igreja continua se imiscuindo no fazer político do País e, para tanto, baseia-se estrategicamente no ressentimento dos “escravos morais”.

Isso pode explicar a atitude de padres e bispos que, exatamente como muitos representantes de nossa *intelligentsia*, são contra o terrorismo mas o justificam no caso dos Estados Unidos, uma vez que esse país é considerado culpado sem absolvição pelos sofrimentos infligidos aos “desprivilegiados”.

Para exorcizar os males do mundo, representantes da Igreja pedem paz, esquecendo-se que, nesse caso, a “paz armada” dos americanos se destina ao combate ao terrorismo como forma de não se submeter ao terrorismo. E seria preciso compreender que sem essa “paz armada” não haverá paz no mundo, pois todo o Ocidente estará a mercê do genocídio a ser perpetrado quando menos se espera por devotos homicidas.

Os segmentos da Igreja que interferem politicamente a partir da teoria do ressentimento o fazem em colaboração estreita com certas facções partidárias que, como o Islã, ainda não saíram da Idade Média.

Exemplo dessa influência ocorreu em manifestação havida em Brasília no dia 19 de setembro, quando em frente à Embaixada dos Estados Unidos um bando de sem-terra (a maioria já com-terra) queimou a bandeira americana, enquanto eram empunhados cartazes que mostravam uma foto de Saddam Hussein, um dos mais fanáticos e sanguinários ditadores que infestam o mundo com sua paranóia.

Essa manifestação indicou que os sem-terra fizeram sua opção preferencial pela pobreza, pelo atraso, pelo ódio, pelo terrorismo, influenciados pela Pastoral da

Terra, insuflados pelos partidos de esquerda e por todos que clamam em coro contra o “Grande Satã”.

Os mentores do MST todavia omitem os horrores perpetrados pelos países que professaram ou ainda professam o sistema que defendem. E desse modo, os “defensores dos pobres e oprimidos”, dos “desprivilegiados” e dos ressentidos, contribuem para manter a estes na opressão da pobreza.

Insurgindo-se contra a democracia, a liberdade e a prosperidade dos Estados Unidos tidos como pecaminosos, a igreja e os partidos de esquerda ao mesmo tempo contribuem para alimentar o antiamericanismo tão ao gosto dos povos latino-americanos, cuja incapacidade de gerar riqueza na verdade se origina de uma visão de mundo totalmente diversa daquela dos países do Primeiro Mundo.

Portanto, o que se observa também no Brasil é a correlação entre política e religião através de parte da Igreja católica, em colaboração estreita de eclesiásticos com partidos políticos de esquerda, notadamente o PT. Como o Islã, estas representações partidárias ainda não saíram da Idade Média, e a compreensão desse tipo de cultura política aliada à teoria do ressentimento pode trazer algum entendimento ao antiamericanismo xenófobo, preconceituoso e estridente que se observa nos textos que freqüentam a imprensa e nas atitudes havidas em manifestações diversas, inclusive nos hipócritas atos pela paz.

“A injustiça independe da distância”

Significativamente, muitos dos que criticam os Estados Unidos já moraram lá. Partiram em busca de melhoria de padrão de vida, de aquisição de conhecimentos ou mesmo de tratamento de saúde. Provavelmente, nossos defensores de Bin Laden também tenham em terras norte-americanas parentes e amigos, que foram desfrutar as oportunidades da nação mais desenvolvida do mundo.

Ao antiamericanismo soma-se ao mesmo tempo a indiferença diante daquilo que acontece longe. A coisa não foi conosco, o que nos inclina a comentários que vão da desinformação à pura e simples necessidade de distorcer a realidade à luz dos nossos anti-valores, que incluem a ausência de um senso mais aprofundado de sentimento pátrio, senso que os norte-americanos possuem em altas doses e que os irmanou no mesmo luto e na mesma dor por todo o país a partir do atentado.

Curiosamente, sobre a vida no Afeganistão, dominada pela milícia taleban, parece que a *intelligentsia* brasileira não tem grandes noções ou prefere evitar o assunto. Sobre aquele lugar de ruínas, areia, barbudos e mulheres cobertas da cabeça aos pés, não li nenhuma opinião dos defensores dos direitos humanos, das feministas, dos adversários dos valores contidos na democracia liberal, dos românticos cultores do totalitarismo. Mas como explicam, por exemplo, os protetores dos fracos e oprimidos, a realidade da mulheres afegãs?

Pode ser que essas mulheres, que não conhecem o que ocorre no mundo, porque no seu país os meios de comunicação como a televisão e a Internet são proibidas, achem natural que não possam estudar, traba-

lhar, se pintar, se divertir. Quem sabe estejam acostumadas a verem outras mulheres serem apedrejadas pelo crime de adultério. Também é possível que considerem como algo corriqueiro não poderem assistir no estádio de futebol, os opositores do Taleban serem enforcados ou mortos a tiros. Em compensação, muitas delas podem entrar no macabro estádio para serem executadas.

Aos homens é dado o privilégio de apreciar o esporte principal praticado no estádio de Cabul, ou seja, os mais variados castigos, programados para depois das preces de sexta-feira. Afinal, eles não têm mesmo a opção as discotecas, cinemas, bares, enfim, desses pecaminosos entretenimentos ocidentais, proibidos terminantemente depois que os radicais talebans impuseram sua versão da sharia (lei mulçumana).

Então, imaginariamente, me visto com o burka. Estou coberta da cabeça aos pés e vejo o mundo pela estreita abertura quadriculada sobre meus olhos. Sufoco. Sinto calor. E horrorizada diante do radicalismo medieval dos talebans relembro a frase do personagem Obi-Wan Kenobi para Luke Skywalker em Guerra das Estrelas:

O sofrimento de um homem é o sofrimento de todos. A injustiça independe da distância. Quando não é contido a tempo, o mal se espalha para atingir a todos os homens, tanto os que combateram como os que o ignoraram.

Considerações Finais

No dia 11 de setembro de 2001 a história mudou. É difícil dizer o que irá acontecer daqui em diante ou redesenhar com precisão cenários mundiais futuros. Não me arrisco a tanto. Em todo caso, a partir do atentado às torres do World Trade Center e ao Pentágono, é possível dizer que terminou a democracia romântica, que nos Estados Unidos foi traduzida pelo politicamente correto, e iniciou-se a fase da democracia pragmática.

Também não é de se duvidar que, em aproximadamente cinco anos, a importância relativa do petróleo será altamente diminuída. E como isso vai-se o poder dado pela natureza ao mundo islâmico, particularmente

aquele do segmento árabe, o que alterará as forças políticas em ação, melhor dizendo, o embate de valores de dois tipos de civilizações que ora se presencia.

Após o fim da União Soviética o mundo capitalista, representado no seu ápice pelos Estados Unidos, se acomodara, sendo que o “fim da história” parecia concretizar-se. O atentado de 11 de setembro demonstrou que a história nunca acaba, e que um novo período para a humanidade foi inaugurado.

Na guerra que entrou em curso, os combatentes terão que se reorganizar para defender os valores ocidentais e não haverá meio-termo. Ao final de um tempo, que não se pode calcular, torçamos para que aflore dos embates um capitalismo revigorado e aperfeiçoado. E para se chegar lá, é necessário eliminar o terrorismo que se baseia no medo, na incerteza e na insegurança, fazendo do homem um escravo.

Mas, apesar de tudo, não se pode deixar que o medo não nos domine e os sonhos e as esperanças se desfaçam. E essa coragem esperançosa é que deve converter-se na grande arma contra o terror. Hastee-mos, pois, nossas bandeiras, no mais alto cume da aventura humana por esse planeta, e olhemos em direção da estátua da liberdade. Ela continua de pé. God bless América.

Referências

BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Ática, 1997.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

HARRISON, Lawrence E. *Subdesenvolvimento é um estado de espírito: a questão latino-americana*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

RANGEL, Carlos. *Do bom selvagem ao bom revolucionário*. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1976.